

PRAÇA E PALACIO IMPERIAL EM VIENNA D'AUSTRIA.

A FORMOSA e antiga cidade de Vienna, capital dos estados d'Austria, occupa uma planicie, onde o pequeno rio *Vien* desemboca no Danubio, e este se reparte em muitas correntes; ficando a cidade situada sobre a mais meridional, e nos confins orientaes da Alemanha. Em tempo dos romanos foi uma *estação militar* chamada *Castra Flaviana*, e subseqüentemente *Vindobona*: possuiram-na depois os godos e os hunos, e em 791 pertenceu a Carlos Magno. No seculo 12.^o os duques d'Austria a fortificaram, e nella estabeleceram residencia, com o que começou a crescer e alcançar consideração. Em 1477 foi assediada debalde pelos húngaros, que todavia a tomaram na segunda tentativa, sete annos depois. Os turcos em 1529 lhe puzeram cerco, mas infructuosamente; em 1619 os protestantes da Bohemia, rebeldes contra o soberano, a sitiaram tambem por duas vezes: os ottomanos de novo em 1683 empenharam as suas forças para a entrar, mas foram repellidos pelos valentes polacos, que sobrevieram em auxilio da cidade imperial. Ultimamente os exercitos francezes em 1805 e 1809 occuparam Vienna.

Para o norte e para o oriente da cidade o territorio é plano, mas para o sul e occidente levantam-se outeiros ricamente cultivados e revestidos d'arvoredos e vinhaterias. A povoação divide-se em duas partes perfeitamente distinctas: — a cidade e os arbaldes: a primeira completamente fortificada com muralhas, bastiões e fosso, os segundos rodeados por uma linha de circumvallação com barreiras para entrada: entre uma e os outros ha a esplanada, e um espago intermedio livre de edificios. O circuito da fortificação interna tem menos de tres milhas ingle-

zas, ao passo que a linha exterior excede a doze milhas: os suburbios são tambem divididos por um ramal do Danubio. Toda a população póde avaliar-se em 330:000 almas; porque neste seculo tem tido notavel incremento, tendo-se construido, só em 1826, 600 casas novas.

Entre os numerosos edificios publicos de Vienna merecem os seguintes particular menção: — o *burgo* ou palacio imperial, mui vasto, porem de fabrica irregular, ainda que algumas de suas partes são de notavel magnificencia e de soffrivel architectura: em muitas e diversas epochas se lhe tem feito acrescentamentos donde essencialmente procede a desharmonia e desproporção do todo: a parte occupada pelo imperador é chamada *Schweitzerhof*, e rodeada d'outros edificios, um onde é a bibliotheca imperial, outro onde está a chancellaria do imperio, terceiro a escola de picaria, quarto o theatro que é soberbo. A livraria contem acima de trezentos mil volumes, e uma preciosa collecção de mais de doze mil manuscriptos. Seguem-se depois como mais importantes o palacio do archiduque Carlos, e a magnifica residencia do principe de Lichtenstein com seu formoso theatro. Merecem tambem menção a casa da moeda, a universidade, o observatorio, a casa da Camara, o palacio do arcebispo, o da reunião dos *estados austriacos*, o banco, a alfandega, e os dois arsenaes, imperial e da cidade; afora muitos palacios de particulares quasi todos enriquecidos com bibliothecas copiosas, gabinetes de medalhas e collecções valiosas de pinturas, antiguidades, e objectos d'historia natural, pondo os senhores alemães grande parte do seu fausto na preciosidade destes

museus e livrarias. O *burgerspital*, reformado por José 2.^o, é uma espécie de hospedaria, como uma villa, e serve para residência de particulares que alli querem morar; comprehende 10 pateos, 220 habitações com mais de 1:500 locatarios.

A respeito das igrejas citaremos o jesuita Fonseca que escreveu a relação da viagem do embaixador Fernando Telles da Silva, conde de Villarmayor, depois marquez d'Alegrete, o qual foi contractar o casamento da Sr.^a D. Marianna d'Austria, filha do imperador Leopoldo 1.^o, com elrei D. João 5.^o, e acompanhou a mesma rainha ao porto de Lisboa: neste livro lemos de pag. 246 por diante. — «As igrejas de Vienna todas estão muito bem ornadas e muito melhor servidas e assistidas, porque a qualquer hora e em qualquer dia da semana se acha mais gente orando e encommendando-se a Deus nas igrejas do que em Portugal nos dias de festa. A primeira igreja na grandeza e dignidade é a sé, dedicada a St.^o Estevão Protomartyr, que é um formoso templo de tres naves, todo de pedra lavrada, como Belem ou St.^a Cruz de Coimbra; tem 33 altares, 5 orgãos, e uma formosa torre de 461 pés de alto, toda de pedra lavrada com grande miudeza e magisterio. . . . O retábolo do altar-mor é de marmore branco e negro d'Italia, curiosamente lavrado: entre as duas columnas do meio está uma lamina de bronze de 24 palmos de comprido e 12 de largo, em que está pintado com grande primor o martyrio de St.^o Estevão: o sacrario é de jaspe de Palermo, e obra de muito custo. . . .» — Sobre o sacrario ha uma pequena lamina de N. Sr.^a a quem os viennenses tem grande devoção. Esta cathedral é edificada no gosto gothico, e a sua torre uma das mais altas da Europa. O citado P.^o Fonseca dá noticia de outras igrejas, porem a que elle não podia mencionar por ser construida em 1737, vinte annos depois da publicação do seu livro, é a de S. Carlos Borromeu no suburbio de Wieden, e que em magnificencia é a immediata á sé. Depois destes dois templos, se exceptuarmos o de S. Pedro, fraca imitação da basilica deste nome em Roma, o dos capuchos, jazigo da familia imperial, o antiquissimo de S. Ruperto, e o dos Agostinhos, notavel pelo tamanho e pelo tumulo da archiduqueza Christina, obra do celebre Canova, todas as mais igrejas não merecem muita attenção.

Entre as instituições de caridade a mais promimente é o hospital geral, extensissimo, com 7 pateos plantados d'arvores, e 111 salas com capacidade para 2:000 leitos: ha tambem asylos para engeitados, orates, surdos-mudos e cegos. Nos estabelecimentos litterarios e scientificos conta-se a universidade, os gymnasios ou lycens, o instituto thesesiano para escola de empregados publicos, a academia medico-chirurgica, a escola de linguas orientaes, o observatorio com aula de astronomia, a escola normal para crear professores, e uma infinidade de aulas subsidiarias: é amplo e rico o museu d'história natural que occupa algumas grandes salas no paço imperial; alem do que ha na capital numerosas collecções de objectos das bellas-artes.

Das 18 praças de Vienna só merecem este nome seis, que são adornadas de chafarizes e estatuas; na de Graben estão situadas as lojas de modistas e de curiosidades, aonde concorre a tafularia da cidade: a de Burgplatz é fronteira ao paço, (*vid. a estampa*), e na chamada Joseph-Platz vê-se a volumosa estatua equestre de bronze do imperador José 2.^o

Nos suburbios ha tambem bellos edificios, sendo os principaes o quartel de cavallaria, o *belvédere*, magnifico palacio do imperador, o theatro sobre o

Vien, o instituto politechnico erecto em 1816, e os já citados collegio thesesiano e hospital geral. O maior e mais povoado destes formosos arrabaldes é Leopoldstadt, que fica ao norte da cidade, n'uma ilhota formada pelos braços do Danubio, e contera 600 casas; na parte oriental está o Prater, bosque de faias e carvalhos, reputado pelo melhor passeio publico da Europa, extenso e guarnecido de cafés e casas de pasto, com picadeiro, escola de natação, circo gymnastico e outros espectaculos e divertimentos. As antigas fortificações da cidade estão convertidas tambem em passeio publico com formosas alamedas; e alem destes ha outros, elegantes e mui frequentados, para recreio dos habitantes.

Vienna é o centro do commercio austriaco e uma assemblea de negociantes de varias nações: o principal trafico que faz é com a Turquia, sendo o grande vehiculo para todo o seu giro de negocio o Danubio, que é navegavel tanto acima como abaixo da cidade: a exportação e importação que por elle se faz é assombrosa.

Em Vienna ha diversas manufacturas, que estão muito acreditadas; sobre todas é bem conhecida a imperial fabrica de porcelanas em um dos arrabaldes, e que occupa mais de 600 pessoas: as obras do officio de lapidario feitas nesta cidade são tambem muito estimadas pelo polimento e bem trabalhado das pedras preciosas, que dão realce a joias de custo e primor.

O Dr. Neale nas suas *Viagens*, recopilando as suas observações e noticias sobre a capital da Austria, exprime se deste modo: — «Parece que os viajantes de todas as nações á porfia proclamam os muitos attractivos desta deleitosa capital, que excede nisso a todas as suas rivaes alemaãs. A belleza de seus frondosos arredores, a riqueza das publicas collecções de curiosidades, os encantos de suas operas, theatros, e divertimentos, a abundancia e barateza de seus mercados, a magnificencia de seus edificios, e a hospitalidade e affaveis maneiras de seus habitantes, tudo contribue para distinguir preeminente-mente esta cidade. O homem dado ao commercio preferirá Hamburgo; a ostentação militar de Berlim attrahirá o soldado; o artista e o mineralogico pararão em Dresda; mas os que demandam a aquisição d'um saber geral e os feitiços de formosa sociedade deixarão todas essas cidades por Vienna. Todas as diversas inclinações acham aqui materia para estudo ou entretenimento. — Gostais da architectura gothica? Viajai pelas naves e claustros da cathedral dedicada a St.^o Estevão, um dos specimens mais formosos do seu genero que ha em toda a Alemanha. — Deleita-vos a musica? A orchestra da opera imperial vos saciará. — Aprazem-vos as formosuras d'um paiz campestre e selvoso? Os retiros do Prater ao longo das margens do Danubio vos offerecem terreno para vossas picturesque excursões. — Preferis a pintura? A galeria imperial vos convida com perto de 1:400 paineis de todas as escolas desde a origem até a perfeição da arte. E lá está a livraria tambem imperial que se franquea aos estudiosos, e o museu d'antiguidades, arranjado pela sciencia e trabalho d'um *Winklemann* que o organisou e completou. Se vos applicais á arte da guerra, percorrei os arsenaes e as fortificações, e adquirireis perfeitos e copiosos conhecimentos na materia.

Agora, se nos voltarmos para as visinhanças de Vienna, não entendendo por ellas os arrabaldes, visitaremos dentro d'um circulo de mui grande diametro grande numero de excellentes casas de recreio, lindas cidades pequenas e outras povoações apraziveis: por exemplo: *Schoenbrunn*, palacio de cam-

po, vasto, guarnecido d'optimos jardins, onde ha muitas raridades botanicas, e um *pateo de bichos*, como nós chamâmos ao que chamam os francezes *menagerie*. Foi esta casa, pouco distante da capital, obra da imperatriz Maria Theresa. *Luxemburgo* é residencia mui frequentada do imperador; e no meio do parque ou tapada, que é dos melhores da Europa, avulta um castello gothico com fossos e ameias, á feição das moradas dos *barões feudaes*, que está sendo uma das curiosidades d'Alemanha. *Baden*, celebre por suas aguas mineraes, é frequentada todos os annos por tres a cinco mil estrangeiros; terá tres mil habitantes, e proximo lbe fica um magnifico palacio ricamente mobiliado, construido moderadamente pelo archiduque Carlos, e ao qual pertence o aprazivel valle de St.^a Helena, estancia deliciosa, aonde aos domingos concorrem as sociedades escolhidas de Baden. *Neustadt* é notavel pelas suas fabricas, e pela eschola militar. E assim outros logares interessantes se encontram n'um raio extenso, que parte de Vienna como centro.

PODER MARITIMO DE PORTUGAL NO SEculo 16.^o

PARA se fazer uma idea da força naval portugueza durante a epocha da nossa gloria, e ainda nos primeiros annos da nossa decadencia, julgâmos curioso dar uma abbreviada relação das armadas que mandâmos á India por todo esse largo periodo, advertindo: 1.^o que em quanto empregavamos estas armadas nas remotas colonias da Asia, navegavamos e faziamos muitas vezes guerra maritima na Europa, guardavamos as nossas costas dos corsarios, e sustentavamos as praças da Africa: 2.^o que não se deve entender que cada armada era composta de novas náus e nova gente; havendo varias embarcações e pessoas que fizeram muitas vezes a carreira da India, mas nem por isso se evitava de cada vez outra despeza que não fosse o custo de algumas náus, e nestas mesmas sempre seriam necessarios concertos: 3.^o que nesta conta poderá haver algum leve engano; mas não tal que influa no fim a que nos propomos, de dar uma idea da nossa antiga grandeza maritima.

Epochas.	Capitães-môres ou chefes d'esq.	Véllas.
1496	Bartholomeu Dias [a descubrir]	3
1497 Julho	Vasco da Gama [a descub.]	4
1500 Março	Pedro Alvares Cabral	13
1501 D. ^o	João da Nova	4
1502 Fevereiro	Vasco da Gama	15
" Abril	Estevam da Gama	5
1503 D. ^o	Affonso d'Albuquerque e seu irmão	6
" "	Antonio de Saldanha	3
1504 "	Lopo Soares	13
1505 Março	D. Francisco d'Almeida	22
" Maio	Pero d'Anhaia	6
1506 Abril	Tristão da Cunha e Affonso d'Albuquerque	16
1507 D. ^o	Jorge de Mello	7
1508 "	Diogo Lopes de Sequeira	4
" "	Jorge d'Aguiar	13
1509 Março	D. Fernando Coutinho	15
1510 "	Diogo Mendes de Vasconcel.	4
" "	Gongalo de Sequeira	7
" Agosto	João Serrão	3
1511 Abril	D. Garcia de Noronha	6
1512 Março	Jorge de Mello e Garcia de Sousa	12

" ?	João Chanoca	1
1513 ?	João de Sousa de Lima	3
1514 ?	Christovão de Brito	5
" Junho	Luiz Figueira	2
1515 Abril	Lopo Soares d'Albergaria	15
1516 ?	João da Silveira	6
1517 Abril	Antonio de Saldanha e D. Tristão de Menezes	7
1518 Março	Diogo Lopes de Sequeira	11
1519 Abril	Jorge d'Albuquerque	13
1520 D. ^o	Jorge de Brito	10
1521 D. ^o	D. Duarte de Menezes	11
" ?	Sebastião de Sousa	2
1522 Abril, M. ^o e J. ^o de 23	D. Pedro de Castelbranco	4
1523 Ab. e M. ^o	Diogo da Silveira	7
1524 Abril	D. Vasco da Gama	14
1525 D. ^o	Philippe de Castro	6
1526 D. ^o	Francisco d'Anhaia	4
1527 Março	Manuel de Lacerda	5
1528 Abril	Nuno da Cunha	14
1529 ?	Diogo da Silveira	4
1530 Març., Ab. M. ^o e Jun.	Duarte da Fonseca	9
1531 Abril	Pero Vaz	6
1532 D. ^o	D. Estevam da Gama	5
1533 Março	D. João Pereira	4
" Abril	D. Gongalo Coutinho	3
" Outubro	D. Pedro de Castelbranco	12
1534 Março	Martim Affonso de Sousa	5
1535 D. ^o	Fernão Peres d'Andrade	7
1536 ?	D. Jorge Cabral	5
1537 Março	D. Pedro da Silva e Jorge de Lima	5
" Nov. e Dez.	Diogo Lopes de Sousa	5?
1538 Abril	D. Garcia de Noronha	11
1539 Março	Pero Lopes de Sousa	6
1540 D. ^o	Francisco de Sousa Tavares	4
1541 Abril	Martim Affonso de Sousa	5
1542 D. ^o	[Não levaram capitão-mór].	4
1543 D. ^o	Diogo da Silveira	5
1544 D. ^o	Fernão Peres d'Andrada	5
1545 Março	D. João de Castro	6
1546 Abril	Lourenço Pires de Tavora	6
" Dezembro	Leonel de Sousa	1
1547 Março	D. Francisco de Lima	6
" Novembro	Martim Corrêa	3
" "	Francisco Barreto	3
1548 Março	Manuel de Mendonça	5
" "	D. João Henriques	3
" "	João de Mendonça	3
1549 "	[Não levaram capitão-mór].	5
1550 D. ^o	D. Affonso de Noronha	6
1551 D. ^o	Diogo Lopes de Sousa	8
1552 D. ^o	Fernão Soares d'Albergaria	6
1553 ?	Fernão Alvares Cabral	4?
1554 Abril	D. Pedro Mascarenhas	6
1555 D. ^o	D. Leonardo de Sousa	5
1556 Março	D. João de Menezes	5
1557 Abril	D. Luiz Fernandes de Vasconcellos	5
1558 D. ^o	D. Constantino de Bragança	4
1559 Março	Pedro Vaz de Sequeira	6
1560 Abril	D. Jorge de Sousa	6
1561 Março	D. Francisco Coutinho	5
1562 D. ^o	D. Jorge Manuel	6
1563 D. ^o	D. Jorge de Sousa	4
1564 D. ^o	D. Antão de Noronha	4
1565 D. ^o	Francisco de Sá	4
1566 D. ^o	Rui Gomes da Cunha	4
1567 D. ^o	João Gomes da Silva	4
1568 Abril	D. Luiz d'Attaide	5

<i>Epochas.</i>	<i>Capitães-môres, ou chefes d'esq. Vêllas.</i>	
1569 Março	Philippe Carneiro	4
„ Abril	Francisco Barreto	3
1570 Março	Jorge de Mendonça	4
„ Outubro	Manuel de Mesquita	1
1571 Março	D. Antonio de Noronha	5
1572 D. ^o	Duarte de Mello	4
1573 Abril	D. Francisco de Sousa	4
„ Dezembro	Bartholomeu de Vasconcel. . . .	1
1574 Março	Ambrosio d'Aguiar	5
1575 D. ^o	D. João de Castelbranco	4
1576 D. ^o	Mathias d'Albuquerque	2
„ D. ^o	Lourenço de Tavora	4
1577 Março	Pantaleão de Sá	4
„ Outubro	D. Luiz d'Attaide	3
1578 Março	Jorge da Silva	3
„ Novembro	D. Estevam de Menezes e João de Mello	2
1759 Abril	João de Saldanha	5
1580 D. ^o	Manuel de Mello	4
1581 D. ^o	D. Francisco Mascarenhas. . . .	5
1582 D. ^o	Antonio de Mello [o capi- mór tornou a arribar]	5
1583 Março	Francisco de Medeiros	1
„ Abril	Antonio de Mello	5
1584 D. ^o	D. Duarte de Menezes	6?
1585 D. ^o	Fernão de Mendonça	6
1586 D. ^o	D. Jeronymo Coutinho	6
1587 Março	Francisco de Mello	6
1588 Abril	João de Toar	5
1589 D. ^o	Bernardim Ribeiro	5
1590 Maio	Mathias d'Albuquerque	5
„ Dezembro	Ruy Gomes da Gran	3
1591 Abril	Fernão de Mendonça	6
1592 D. ^o	Francisco de Mello	5
1593 D. ^o	D. Luiz Coutinho	5
1594 ?	Ayres de Miranda	3
1595 ?	João de Saldanha	5
1596 ?	D. Francisco da Gama e João Gomes da Silva	5
1597 ?	D. Affonso de Noronha	3
1598 ?	?	?
1599 Março	D. Jeronimo Coutinho	7
1600 ?	Ayres de Saldanha e Fer- nãõ Rodrigues de Sá	4

737

Se calcularmos o que custaram a Portugal estas armadas [compostas pela maior parte de náus e galões, levando a bordo, além de todos os petrechos maritimos, soldados de terra com munições, armas &c.] no valor de cincoenta contos cada embarcação, o que é um calculo mui diminuto, custou-nos o dominio da India durante um seculo 36:350:000 \$ 000 réis, sem contarmos as vidas de muitos milhares de homens, que pereceram nestas conquistas longinhas. Qual outra nação contribuiu assim para o engrandecimento da moderna Europa?

ARCHITECTURA GREGA OU CLASSICA.

DIVIDE-SE a architectura em *civil, militar, e naval*. A architectura civil, de que fallamos agora, tem por objecto a construcção de templos, palacios, casas particulares, &c.; e as diferentes variedades de estylo podem generalizando reduzir-se a quatro, a saber, *egypcio, chim, grego, e gothico*. Acharemos os typos antigos de cada um destes estylos nos ordinarios domicilios da primitiva raça d'habitantes dos paizes a que respectivamente pertencem. O estylo egypcio é pesado, e os edificios são frequentemente

escavados na rocha solida, inculcando a pratica de um povo, que morava em cavernas abertas nas encostas de fraguedos e outeiros, antes que a arte de fazer casas estivesse em uso. Os chins formaram as suas habitações á feição da original tenda tartara com toldos e varandas. As ordens da architectura grega referem-se aos primeiros edificios de madeira; e o gosto gothico aos abrigos formados pelos ramos superiores das arvores, simultaneamente arqueados e entretrecidos. Diremos hoje só do estylo grego, que foi tambem adoptado pelos romanos e por todas as nações policiadas da Europa na restauração da litteratura e das artes, depois da queda de Constantinopola.

Distinguem-se os edificios classicos ou á grega por cinco variedades de columnas, e tantos são tambem os diferentes modos de dispor as molduras e outros ornamentos com que são decoradas. Estes varios methodos de decoração obtiveram o nome de *ordens* da architectura; e nas bem delineadas construcções nunca os ornatos e medidas que a umas pertencem se confundem com as columnas da outra.

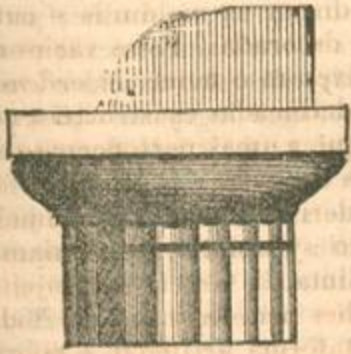
Parece que os gregos derivaram as suas primeiras ideas de architectura do systema que seguiam os egypcios, mas como o clima da Grecia era sujeito a frequentes chuvas, foi-lhes necessario erguer toda a structura sobre uma plataforma artificial e cubri-la com um tecto inclinado. Os diferentes materiaes da construcção tambem produziam grande differença nas proporções relativas das varias partes que a compunham. Os edificios dos egypcios sendo principalmente feitos d'immensos cantos de granito, pedra mui pesada, claro está que os apoios e sustentaculos da fabrica eram necessariamente macissos e fortes em proporção, e o mysterioso character da sua idolatria tambem se ajudava da grandeza descommunal de seus templos estupendos. A pedra com que os templos gregos eram edificadas, como se vê pelos restos dos mais antigos, era muito mais leve, e muitas partes destes mostram que antes de aprenderem os habitantes a trabalhar em marmore eram feitas de madeira; de forma que seguido em parte o systema destas primitivas construcções, adoptado em parte o egypcio, resultou que a architectura grega ficou sendo um complexo das duas, e participante em certo modo do genio d'ambas as nações.

Examinando o progresso da arte acharemos que ás robustas e singelas columnas doricadas seguiram-se as jonicas, mais graciosas e ornamentadas, e depois vieram a ordem corinthia e a composita dos romanos ricamente decoradas. Fallaremos de cada uma dellas brevemente, porque não é este artigo dedicado aos alumnos da architectura, que nos livros de sua arte tem amplissimas instrucções, mas aos curiosos, a quem aproveitará mais a inspecção dos exemplos de capiteis, que appresentámos, para distinguirem as ordens, do que extensas e miudeadas descripções.

A principal caracteristica de uma ordem d'architectura é o apoio perpendicular ou columna; e tem tres partes principaes, *pedestal, fuste, e capitel*. O pedestal é a parte inferior da columna, e que sustenta o fuste, tendo as suas partes menores diferentes, conforme as diferentes ordens; em cada uma das quaes os pedestaes tem alturas tambem diversas, que são reguladas pelos *módulos*, isto é medidas constantes adoptadas pelos architectos. O módulo nas ordens dorica e toscana é igual a meio diametro da parte inferior do fuste, e nas outras ordens é igual ao diametro inteiro. O fuste é o corpo da columna, que se levanta sobre o pedestal, de fórma cylindrica e diminuindo gradualmente para o topo onde se jua-

ta com o capitel: este é a porção mais elevada da columna e que cresce sobre o fuste; differe em cada uma das ordens, de fórma que quem deseja conhecer a ordem, a que pertence a construção, geralmente olha para o capitel: as suas varias partes teem tambem diversos nomes. Sobre o capitel corre o *entablamento* ou cimalha; que consta, principalmente, d'*architrave*, sobre esta o *friso*, e coroando-o a *cornija*; varia segundo as ordens, e quando não ha columna sustentam as paredes: dahi para cima segue o tecto ou cobertura do edificio, ou o portico ou fachada.

A dorica passa por ser a mais antiga das ordens d'*architectura classica*, e recebeu o nome dos dorios, povo da Grecia asiatica.



A principio não teve pedestal, descansando immediatamente sobre o pavimento; porem deram-lh'o depois para ficar mais esbelta. Era de ordinario o fuste cannulado, isto é sulcado de estrias ou meias canas profundas. Não daremos as dimensões,

tanto desta como das outras ordens, por não fazer pezado este artigo, e porque a pessoa, que mais copiosa noticia desejar, deve consultar os livros dos architectos.

A ordem jonica é mais engraçada que a antecedente, e os ornamentos do seu capitel mais elaborados.



Imaginosamente sedisse que a intenção dos inventores fôra dar nas proporções destas duas ordens uma idea das fórmas do corpo humano, representando a dorica a força masculina, e a jonica, mais elegante, o esbelto da figura feminina, e que por isso as *volutas* ou ornatos espiraes do capitel da ultima eram semelhanças dos bugres

ou caracões de cabello com que as mulheres enfeitam os lados da cabeça. Muito antigo com effeito devia ser o penteado dos caracões das senhoras! Mas enfim já se vê que tudo isto não passa de chimera. O nome de jonica veio dos jonios, nação tambem da Grecia asiatica.

A ordem corinthia é de mui formosa apparencia, e notavel sobretudo pela belleza e elegancia do seu capitel.



Este consiste em duas ordens de folhas: dentre as superiores nascem duas vergontes que formam 4 volutas, duas no meio mais pequenas, e as duas lateraes maiores: estas voltas sustentam o *abaco* [taboleiro ou tapadouro] no meio do qual, immediatamente sobre as duas volutas centraes, ha uma figura de rosa. Conta-se que

ao acaso fôra devida a invenção do bello capitel corinthio. Uma cestinha tinha sido posta no chão, cuberta com um tijolo para proteger o que encerrava do ataque dos insectos; esqueceu alli por acaso, e uma planta, especie de acantho ou herba gigante, sobre que a collocaram, foi lançando folhas e abraçando-a pela parte externa, como mostra esta estampa,



ao mesmo tempo o tijolo que a cubria oppondo-se ao livre crescimento das folhas mais altas as obrigou a encurvarem-se p.^a fóra, o que deu a imagem das volutas nos angulos do capitel.

Diz-se que o esculptor Callimacho, de Corinto, notando a formosura do grupo, inventára por este incidente a ordem corinthia.

(Concluir-se-ha).

MORAL.

(Fragmento de um livro inédito.)

A PROSTITUIÇÃO.

No EXTREMO da aldea em que pousámos, dormi eu em humilde choupana. Havia defronte uma casinha, meia talhada nas abas de serra coroadas de pinheiros escavados, e vestida pelas quebradas de pinheiros negros e solitarios. Alli, apartada de toda a humana conversação, habitava a pobre Maria, cuja historia depois me contaram. Ao romper do sol sahio ella do affumado tugurio, e veio assentar-se em tosca pedra encostada ao limiar da porta: — vinha beber algum consolo na luz benificente do astro do dia; do unico ente do universo que ainda amava, e que ainda lhe era benigno. Via-se-lhe no rosto que mais dissoluções do que annos a haviam envelhecido; e no corpo curvado, e no arrastar das passadas, que a doença e a dor de largo tempo se lhe haviam aposado dos membros, para nunca mais a desacompanharem. A justiça de Deus lhe infundira no coração abundancia de remorsos, e a dos homens lhe entornava sobre a fronte amplo vaso farto de ignominia. Nenhum habitante da aldea se chegava á mulher do opprobrio: só o tropel dos moços, quando sahiam a folgar por essas campinas, passando pela amaldiçoada do povo a escarneciam, e os mais velhos ensinavam aos infantes palavras vituperosas; e de bocas innocentes sahia o nome de prostituta, que vinha travar do coração da desditosa, e lh'o lacerava; porque ella bem sabia que tal nome era para sempre o seu. Callada soffria as injurias, porque ninguem neste mundo se doeria della, e aos queixumes lhe responderiam os que a ouvissem, recordando-lhe os dias da sua dissoluta mocidade. Os vicios lhe tinham apagado no seio todas as ideas esperançosas da religião, e na desventura não queria nem ousava socorrer-se a Deus. Morta a contrição na sua alma, nella tão sómente restava a certeza do castigo; e a oração não lhe surgia dos labios, nem os remordimentos abi lhe geravam senão desespero mudo. O Senhor tinha esgotado no coração da pobre Maria toda a furia da vingança celeste.

Filha de paes abastados, educada nos mimos e re-

galos da cõrte, saboreára cedo na juventude os mui suaves enganos do amor. De formosa a gabava a galantaria dos mancebos, e inveja a diziam das demais raparigas que, como ella, folgavam no primeiro viço da vida. Entre os moços que lhe cortejavam a belleza, um foi o dilecto de seus carinhos. Loução e affavel lhe engodou os affectos, e breve o amor a fez desgraçada. Os signaes de sua queda lhe despertaram pudor e arrependimento, que já vinham tardios. Cuidou esquivar o opprobrio, e aconselhada de seu corruptor, fugiu da casa paterna; mas precipitou-se em maior profundeza de desventura, porque o mancebo vario não tardou em desampara-la, deixando-a na miseria e no desabrigo de toda a humana consolação. A fome e a nudez se assentaram juncto do seu umbral solitario, e, affeita aos deleites, não ousou affrontar-se com tão duros contrarios. Vendeu-se pelo óbolo da infamia, e ella mesma pediu ao que passava lhe estampasse na fronte o ferrete do aviltamento. Empegado de todo o ponto o seu coração no tremedal dos vicios, da mente se lhe varreram todos os respeitos do céu e do mundo, tocando a meta da prostituição e descaro. Então trasbordou a medida da colera de Deus, e os dias da punição chegaram. A formosura destruíram-lh'a as dissoluções, e a velhice prematura se apoderou della para a entregar á doença sua inseparavel companheira. A pobre Maria viu-se por fim offerecida á miseria, a que por crimes fugira, e foi esconder para longe amarguras e vittuperio: mas lá chegou a fama de seus passados desvarios, e como se fosse empestada, todos se affastavam della, e apenas as raras esmolos do estranho, que por allí caminhava, lhe ministravam escaço sustento. Dias e dias passavam abundantes d'afflicção — muitos a aguardavam ainda desacompanhados de esperança — e o coração lhe repetia incessante estas palavras tremendas: — assim até a sepultura! —

Que raladores pensamentos não seriam os seus, quando desperta, por larga noite de affrontosa vigília, volvesse o espirito para o passado! Como as recordações das pompas da juventude lhe azedariam a miseria da idade grave, que tinha presente! Ao clarão amortecido de candeia lugubre, mal reflectido por essas paredes humidas e verdoengas, por esse tecto affumado, como a imagem das vastas quadras dos paços paternos, alumadas por candieiros esplendentes, espalhando seus lumes por ouros e matizes, lhe viria despedaçar as entranhas! Nessa enxerga immunda e rôta, theatro de angustias e de lagrymas, como a malfadada se lembraria dos somnos innocentes, dormidos em brando leito adereçado de telas custosas e nitidas como a pureza virginal que nesse tempo a adornava! — Lá, ao menor aceno de leve mal, paes, irmãos, servos rodeavam-a de carinhos e cuidados: aqui os gemidos de pungente dor em ninguem despertam sombra de compaixão. Lá o ruído dos saráus, o sussurro de luzidos banquetes scumiam-lhe as horas da vida em mar de deleites: aqui o silencio e a soledade lhe avultam os instantes do existir em um mundo de amarguras. E atada á columna do padecer, ahí jaz a filha do opprobrio, e suas noites eternas são como um pesadello continuo, e encerram em si um mysterio cujo horror só plenamente entenderia o inferno. Deus, para maior castigo, entregou-a á desesperação — e o futuro alem da campa é tambem para a mulher, que cré e não pôde orar, um tenebroso mysterio.

E o que a seduziu? — o que a precipitou nesse bátrathro? — Folga, porventura, no turbilhão do mundo. Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: — e as turbas talvez o applaudem e celebram seu nome. Oh! que se a dextra da Providencia o

transportasse de subito a esta humilde guarida, e se voz moribunda e sumida o chamasse, e se mão descarnada e tremula travasse da sua para o chegar a esse leito tormentoso, onde visse completa a obra da sua iniquidade, os cabellos se lhe errigariam de horror e de susto, e os joelhos lhe bateriam um contra o outro, porque nas ancias do seu coração sentiria que ha remorso e que ha Deus. Se depois, voltando ao tumulto das cidades, elle soubesse recontar o que nesse momento passára, nenhum dos mancebos que o ouvisse seria, por certo, um corruptor.

Desaventurada! — Quem a consolará ao approximar-se a hora do passamento? Para quem estenderá então os braços frios e myrrados? Os suspiros filiaes ou fraternos não serão para ella; nem o soluçar confuso, ouvido por entre o chamar da sepultura, lhe affagarão estes ultimos momentos. A mulher perdida passará por fim: suas dores adormecerão; mas esquecida em breve no adro deserto da aldeia, sem signal de jazida, ninguem com lagrymas lhe aquecerá as cinzas; ninguem lh'as cobrirá de flores; ninguem orará por ella a Deus. — E de que serviriam as preces? — Quando estas subissem aos céus, já no livro da eternidade estaria escripta a sentença da mulher transviada e dissoluta.

(A. H.)

PRIMEIRA VICTORIA DE D. CHRISTOVÃO DA GAMA.

A seis de Julho de 1541 partiu do porto de Maguá D. Christovão da Gama com 400 portuguezes em soccorro dos abexins, e, sobre alguns dias de trabalhosa jornada, chegou á cidade de Baroa, a cujas portas o esperava um grande numero de religiosos, cantando as ladainhas; e um, que parecia superior dos mais lhe fez uma falla expondo as calamidades e miserias que padecia aquella christandade, e levantando sobre as estrellas o generoso animo dos portuguezes, que sem outro interesse mais que a defensa e gloria do nome christão, sacrificavam as vidas a tamanhos perigos em terras tão remotas; e que esperava no verdadeiro Deus que todos adoravam que lhe havia dar victoria de seus inimigos, que tambem o eram da verdadeira fé. Foram ditas estas palavras com tantas lagrimas, e tantas demonstrações de sentimento, que produziram os mesmos effeitos em todos os portuguezes. Logo soube D. Christovão que a rainha mãi do imperador o vinha buscar á mesma cidade, e se dispoz a lhe sahir ao encontro fóra della com toda a gente em fórmula militar. Vinha a rainha em uma mula, com um certo modo de andilhas, e umas cortinas de seda que a cobriam até arrastarem pelo chão. Entrou pelo meio de duas alas que formavam os nossos, e a receberam com salvas de toda a artilharia e arcabuseria. Então correu as cortinas para os ir vendo, sem delles ser vista, porque trazia o rosto cuberto com um véu que só tirou quando viu a D. Christovão. E feitas as ceremonias e demonstrações que aquelle caso pedia, em que D. Christovão não faltou ao que era veneração e obsequio, nem a rainha aos agasalhos e carinhos que podia dispensar a magestade: passado o rigor das chuvas, por ser tempo então d'inverno, trataram de proseguir a jornada, engrossado já o nosso campo com uma boa porção de abexins, que acudiram em defeza da patria e do seu principe, com o qual se reconciliaram muitos, que medrosos ou varios se haviam encostado á parte d'elrei de Zeila. No caminho toparam com uma serra aonde se haviam fortificado alguns capitães do mesmo rei, e pela eminencia e aspereza do sitio parecia mais impossivel que difficultoso o lança-los dali. Mas D.

Christovão ainda que reconhecia o perigo, entendendo que a reputação das suas armas dependia daquelle primeira facção, se deliberou a investir a serra. Dividiu a sua gente em tres partes; ordenando que por outras tantas [que só eram accessiveis] accommettessem ao mesmo tempo. E neste dia, anno de 1542, o fizeram com tanto valor e resolução, que por entre grandes pedras que os inimigos precipitavam do alto, e logo por entre chuveiros de ballas, subiram á eminencia. Nella se travou um durissimo combate. Constava a guarnição de mil homens escolhidos, e que sabiam lhes não restava outra sahida mais que vencer ou morrer. Esta certeza os fazia pelear como desesperados sobre valorosos. O capitão andava em um formoso cavallo, e logo nas primeiras avenidas nos matou doze soldados pela sua mão, e assistido da maior parte dos seus fazia muito duvidoso o successo. Mas subindo os outros portuguezes pelos sitios que lhe couberam em sorte, ainda que tambem com grande perigo e damno, finalmente vieram a tomar no meio aos inimigos, e assim apertaram com elles, que poucos ficaram com vida, e muitos por fugirem de uma morte honrada, buscavam outra vil e mais cruel, despenhando-se da serra na qual se faziam em pedaços. Deu-se a povoação a saque, aonde se acharam muitas riquezas, como em logar a que se não temia expugnação. Consagrou-se a mesquita pelo patriarcha D. João Bermudez [que ia com D. Christovão], e se dedicou á Mãe de Deus, cujo o dia era. Os abexins que seguiam o nosso exercito, e não fizeram mais que ser testemunhas do valor dos portuguezes, os começaram a ter em conta de mais que homens; porque reputavam superior a todas as forças humanas o elevado e forte daquelle serra.

BATALHA CHAMADA DE TOURO.

No 1.^o de Março de 1476 avistaram-se os dois poderosos exercitos de Castella e Portugal junto da cidade de Touro, aonde deram uma grande e sangui-nolenta batalha, que da mesma cidade tomou o nome. Estava no exercito de Castella elrei de Sicilia, D. Fernando, que se intitulava rei de Castella e Leão, por sua mulher a rainha D. Izabel. Achava-se no de Portugal, acompanhado de seu filho o principe D. João, elrei D. Affonso 5.^o, que tambem se intitulava rei daquelles reinos por sua segunda mulher a rainha D. Joanna. Estes eram os principes contendentes, e estas as causas daquelle guerra, em que entrou o mais selecto da nobreza de um e outro reino. Dividia-se cada um dos exercitos em dois grandes corpos, e no de Portugal governavam cada um seu, elrei D. Affonso e o principe D. João; e no de Castella commandava um elrei D. Fernando, e outro D. Alvaro de Mendonça. Dado pois o signal de ataque, aquella parte que o principe governava fez tão vigorosa impressão no corpo dos inimigos que lhe ficava em frente, que os rompeu e seguiu largo espaço, fazendo nelles grande estrago. Não succedeu assim na parte que elrei D. Affonso commandava, porque ainda que investiu com a espada na mão, pelejando com denodado brio na testa do seu esquadrão, e os seus o seguiam e imitavam, sustentando com grande valor e constancia o peso dos castelhanos, todavia sobre tres horas de porfiado combate sem que nellas se declarasse por algumas das partes a victoria, se começaram a desordenar os nossos; foram rôtos e desbaratados, e elrei, que intentou metter-se desesperado nas lanças inimigas dizendo que *era melhor perder a vida aonde se perdêra a honra*, foi estrangido pelos que o

acompanhavam a retirar-se á cidade de Touro, e dahi sem dilação á villa de Castro Nuno.

Succederam nesta batalha casos memoraveis. Defendia com estupendo valor Duarte d'Almeida, nobre cavalleiro, o estandarte real que levava; e sendo-lhe cortada a mão em que o sostinha o segurou na outra; sendo tambem mal ferido nella o sustentou e defendeu com os cotos e com os dentes, renovando com esta acção a illustre memoria de famoso atheniense Cinigerio; até que cuberto de feridas, e exausto de forças, cedeu ao furor dos inimigos. Cheios estes ou inchados com a gloria do successo, começaram a arrastar por terra o estandarte; o que vendo um escudeiro portuguez por nome Gonçalo Pires, natural do concelho de Besteiros, e não podendo soffrer tamanha injuria, ajuntou a si alguns portuguezes, e unidos investiram os castelhanos com tão brava ferocidade, que fazendo nelles um largo terreiro, teve Gonçalo Pires logar de arrancar o estandarte das mãos de um fidalgo de appellido Souto Maior que o trazia, e á custa de muitas feridas o entregou finalmente ao principe D. João. Não tiveram estas duas grandes acções [a uso da nossa terra] premio algum relevante. Só a Gonçalo Pires deu o principe o appellido de *Bandeira*, e brazão de armas; mas deixando-o e ao Almeida na mesma fortuna que d'antes. Este foi o successo da batalha de Touro [posto que os castelhanos a pintem de outra maneira], em que cada um dos exercitos ficou meio vencedor meio vencido. Elrei D. Fernando logo no principio do combate se retirou a Zamora, aonde esperou com sobresalto a noticia do successo. O principe D. João, depois de seguir e perseguir largo espaço aos que vencera e lhe fugiam, voltando a soccorrer seu pai, e achando-se vencido se manteve no campo senhor delle como vencedor. Elrei D. Affonso dormiu aquella noite no castello de Castro Nuno, e tão profundamente, que a mulher do capitão [o qual era castelhano e seguia o partido do mesmo rei] disse ao marido: *mirad por quien os perdisteis*. Desde então começaram a enfraquecer as esperanças com que elrei D. Affonso entrou naquella empreza; porque alem da grande perda que recebeu na batalha logo o começaram a desamparar os grandes de Castella que o seguiam; sendo agora os primeiros que o deixavam aquelles que pouco antes o haviam persuadido, e lhe haviam jurado fidelidade e vassalagem: o que mostra que tambem nas grandes qualidades se acham muitas vezes grandes vilezas; e posto que se proseguisse a guerra, veio finalmente a ajustar-se a paz com mais conveniência que honra dos que a ajustaram.

OS ALARVES DE BERBERIA.

REPETIDAS vezes achâmos confirmadas pelos viajantes e observadores modernos as miudas noticias, que dos paizes e povos asiaticos e africanos, sem fallarmos d'America, deixaram antigos e sizudos escriptores nossos. Novo exemplo disto offerecemos agora aos leitores no seguinte extracto d'um livro antigamente escripto, que apesar de ser publicado em 1837, não será muito vulgar por estar exausta a edição que não foi numerosa: se for confrontada esta passagem com as modernas investigações achar-se-ha exacta.

— « Neste logar me pareceu dar uma breve relação verdadeira, e contraria á commum opinião do vulgo, ácerca dos *alarves*, em os terem por homens barbaros e de pouco entendimento. Onde é necessario saber que em Berberia ha dois generos de na-

ções, cujos costumes é viverem nos campos, sem cidade, nem policia de republica ordenada com leis, nem de homens deliciosos no comer e vestidos, com outras pompas que o mundo chama ornamentos: uns são os barbaros que moram communmente nas serras dos Montes-Claros, os quaes posto que morem em casas particulares, todavia não chegam a juntar-se em cidade em fórma de policia. Estes, como vivem apartados da corte e communicação da gente politica, teem pouco primor no seu tratamento das pessoas, e tambem nos entendimentos carecem das artes e discrição que poem auctoridade nos homens, e assim são havidos por agrestes e de pouco saber. Os alarves, que tambem fazem sua habitação no campo, não usam de casas fixas, senão de tendas levadiças, para se mudarem cada vez que se lhes offerece, com suas fazendas e gados: tanto é seu costume morarem nos campos, que, alem de não edificarem cidades, destroem as já feitas nas provincias onde habitam. Temos exemplo nos que occuparam o reino de Sus antes dos xarifes; porque sendo Trudante [Tarudante] cidade populosa, com edificios sumptuosos, cercada de muros torreados com ameas, cabeça metropole do reino, a destruíram e arruinaram como cousa desnecessaria á sua habitação. São os alarves gente de mui delicados engenhos, para tratarem todos os negocios de entendimento, eloquentes em palavras, sentenciosos em seus dictos, e muito lidos em todas as historias arabicas, fazendo delicadissimos versos e de mui elegante suavidade, com que fazem vantagem a todos os mouros africanos, e todos os cortezãos lh'a reconhecem mui notavel. São tidos os alarves por toda a Africa por a gente mais nobre della e o tronco de que os mouros mais se honram; e guardam entre si tal maneira de conservação de sua geração, que em nenhum caso consentem casar com outra gente, que não seja da mesma nação, ainda que por isso lhe crescessem muitos proveitos: mostram elles por obra a nobreza de que se gloriam em o primor que guardam; porque são homens de verdade, e por seus amigos, ou por os que se acolhem a seu amparo, porão as vidas e fazendas, com estranho aborrecimento dos mouros, que não guardam as leis da nobreza; e na verdade nisto são tão singulares que, jactando-se serem elles a gente mais apurada da Berberia, o fazem confessar aos que seguem a côrte e senhores de grandes estados. Mas posto que os alarves sejam communmente gente pobre, e não vivam senão dos fructos do campo, e de seus gados, tambem ha ahí entre elles alcaides e senhores de muitos vassallos, a que obedecem e servem com o reconhecimento de rendas; e assim como são gente que vive no campo, curados dos tempos, são mais acostumados ao trabalho e mais promptos a um brado se ajuntarem a cavallo a qualquer feito necessario, o que fazem com muita destreza, seguindo seu exercito, sustentando-se com poucas delicias de manjares e camas: gente propria para fazer guerra com muita soltura." — *Fr. Bernardo da Cruz. Chron. d'elrei D. Sebastião cap. 27.*

Novo invento no fabrico de papel. — Rosting obteve na Russia em 27 d'Outubro de 1838 um privilegio por tres annos para usar da seguinte composição que achou para substituir uma parte do trapo na fabricação do papel. — E vem a ser a receita:

Gêssô [sulphato de cal] da melhor qualidade, crú, e em pó muito fino	100	lb.
Agua pura	600	"
Sal commum	3 ¼	"
Gomma feita de farinha de centeio	1 ½	"

Depois de se tomarem 600 lb. d'agua, deitam-se 500 destas em vaso separado, e das outras 100 misturam-se 25 com o tal sal commum e se aquecem até ferver, e quando se acha bem dissolvido o sal deita-se-lhe a gomma, mechendo-se bem a mistura quente; juntam-se-lhe as 500 lb. d'agua e se peneira o gêssô no todo, mechendo-se igualmente bem de fórma que fiquem papas liquidas: então se lhe lançam as outras 75 lb. d'agua, agitando sempre o liquido engrossado.

Deixa-se repousar este mixto até parecer de todo branco. Junta-se delle de 20 até 50 por cento com a massa feita de trapos, [segundo a qualidade de papel que se quer manipular] quando a massa de trapo estiver prompta para entrar na tina; na qual tudo é mechido de modo que n'um quarto d'hora tudo fique completamente ligado.

O A. inseriu este processo no *Jornal de manufacturas e commercio*, impresso em lingua russiana em S. Petersburgo, n.º do mez de Dezembro de 1828, pag. 428; e assevera que por este methodo se poupa 20 por cento de massa de trapos na fabricação, e o papel que resulta tem uma alvura extraordinaria.

ELREI D. João 4.º, informado de que um escrivão gastava a maior parte do tempo na cama e na mesa, fazendo esperar as partes sem lhes fallar, lhe mandou dizer uma noite que fosse logo de manhã cedo ao paço, e ahí o fez estar esperando até ave-marias. No fim lhe fallou, dizendo-lhe: estais enfadado d'esperar um dia para me fallar? Pois que farão as pobres partes a quem fazeis todos os dias esperar e desesperar? Ide, cuidai no vosso officio se não quereis que vo-lo tire.

VELLAS DE STEARINA.

Os nossos leitores já conhecerão o novo aperfeiçoamento da industria que faz do cebo vellas que parecem de cera. Consta-nos que na alfandega da Madeira as não quizeram despachar por conterem o arsenico, que tão venenoso é; e ao que lemos não foi esta duvida destituída de fundamento. — Com effeito por ter a stearina grande tendencia para se cristallizar, sabiam as vellas muito quebradiças; para evitar este inconveniente muitas fabricas lhe introduzem o arsenico em pó ou oxido de arsenico. É facil conhecer a presença do arsenico nas vellas de stearina sem proceder a analyses chimicas: basta reparar na cor muito preta da torcida, ou melhor reparar se o fumo que fica quando se apaga a luz tem certo cheiro a alho, o que é prova infallivel; e convem rejeitar as vellas que são venenosas.

É bem sabido que haverá meio seculo que já se fez uso do arsenico em vellas de cera para fins sinistros e mal intencionados, e a historia conta que isto aconteceu com o fim de envenenar o imperador José 2.º Deve pois usar-se com toda a circumspecção das taes vellas de stearina. (Veja-se o *Archivo da Nat. Arte e Sc. e vid. N.º 3 de 1839*).

Regras de proceder do conde d'Attouguia, João Gonçalves d'Attaide: —

Gôrra descuberta
Ganha vontades:
Bolça aberta
Conquista cidades:
Amor não concerta
Com desigualdades.